



TRAJETÓRIAS DE BAILARINAS NO BRASIL: RELATOS E VIVÊNCIAS DOS CORPOS NEGROS NO BALÉ CLÁSSICO¹

**Eixo Temático *EIXO 35 - RESISTÊNCIAS E SUBVERSÕES INVENTIVAS
NO TEATRO, NA DANÇA E NA PERFORMANCE: INTERFACES ENTRE
SEXUALIDADES E GÊNEROS NAS ARTES DA CENA***

Deise da Silva Martins 01 ²

RESUMO

Este trabalho traz como principal temática resultados de entrevistas feitas durante pesquisa de mestrado com bailarinas negras profissionais que atuaram ou atuam em companhias de balé clássico. Relatos sobre seus corpos, maternidade, relações com colegas e professores, são alguns dos temas trazidos pelas interlocutoras em suas trajetórias. Além dos relatos, o texto traz consigo referências conceituais sobre gênero, corpo e raça, e como a interseccionalidade é utilizada nessa análise. Diante do material, foi constatado o quanto o conceito padronizado pode interferir de maneira negativa na profissionalização dessas bailarinas e a necessidade de desenvolver estratégias para lidar com discriminações e alcançar seus objetivos num cenário preconceituoso.

Palavras-chave: Mulher negra, Balé clássico, Corpo, Raça, Interseccionalidade.

¹ Fragmento de dissertação de mestrado que “foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

² Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, deyse08@yahoo.com.br;

Essa pesquisa foi desenvolvida durante processo formativo de mestrado, que teve como ponto de partida a baixa presença de mulheres negras atuando como bailarinas em companhias profissionais de balé clássico.

Para metodologia se fez necessário uma busca teórica por autores que trouxessem conceitos sobre raça, corpo e gênero, assuntos pertinentes diante da hipotética questão explorada acerca das bailarinas negras. Dentre outros autores: a raça é discutida, ampliando para o racismo, a partir de Guimarães (2009), Mbembe (2014); o gênero é trazido pelos trabalhos de Gonzalez (2018), Collins e Bilge (2021); e o corpo é desenvolvido através das reflexões de Vigarello (2006) e Sant’Anna (2014).

A entrevista foi escolhida para coletar materiais empíricos. Gil (2008, p. 109) fala que “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.” Grada Kilomba (1968) reitera sobre a relevante contribuição de entrevistas. “A abordagem da narrativa biográfica permite não apenas aprender sobre as experiências atuais de racismo dos entrevistados, mas também que as entrevistadas criem uma gestalt sobre a realidade do racismo em suas vidas.” (p. 85).

Foi iniciada a busca por interlocutoras que fossem negras, brasileiras e tivesse atuado em companhia profissional. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, obtendo aprovação e permissão³ para dar início às entrevistas. Selecionou-se quatro bailarinas, Bethânia Nascimento Gomes, Ingrid Silva, Dandara Caetano e Nayla Ramos. A bailarina Ingrid Silva retirou sua participação da entrevista, porém, foi mantida na pesquisa através de materiais já disponibilizados, como sua autobiografia. As entrevistas aconteceram entre novembro de 2022 e abril de 2023 pela plataforma do Google Meet.

Essas mulheres relataram como seus corpos foram tratados durante a formação e o processo de profissionalização. Além do mais, três delas se tornaram mães durante seus percursos e tiveram que lidar com a maternidade no contexto do seu trabalho.

Através de análise interseccional, foi constatado o quanto o conceito padronizado pode interferir de maneira negativa na profissionalização dessas bailarinas além da necessidade de desenvolver estratégias para lidar com discriminações e alcançar seus objetivos num cenário preconceituoso.

³ Número do CAAE: 57688722.3.0000.8142

Os conceitos-chaves que foram estabelecidos, a saber, o corpo, o gênero, a raça e o racismo, foram analisados interseccionalmente, objetivando contemplar diversidades de grupos sociais. Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), ao fazerem análises de movimentos sociais, de modo inclusivo, asseguram que “Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder”. (p. 46)

No imaginário coletivo o corpo de uma bailarina clássica é ditado como uma mulher magra, estatura média, branca, jovem, flexível e com meias e sapatilhas cor de rosa, dificilmente uma mulher negra é imaginada dessa forma. Existe a tradição em algumas escolas que antes de selecionar as crianças para formação clássica é feita uma análise minuciosa daquele corpo, Ingrid Silva (2021), despona que

Em algumas escolas antigas, como Bolshoi e Vaganova, até hoje é realizado um estudo com a família da bailarina para saber se ela tem o corpo ideal para o balé. Antes de ela entrar na escola, eles analisam a criança e seu corpo, suas possibilidades físicas, articulações do pé, abertura de quadril, mobilidade das costas, genética de altura. É muito seletivo, e essas exigências acabam se disseminando pelo mundo. [...] Então a gente acha que bailarino é isso porque é só o que eles aceitam. (p. 74).

Isabelle Launay (2003) apresenta alguns relatos de profissionais da dança que estiveram em situações parecidas, “Eu realmente tive a sensação de estar em uma feira de animais: olha-se as proporções para ver se elas são justas, a flexibilidade necessária...” (LAUNAY, 2003).

Em História da Beleza, Georges Vigarello (2006), traz relatos históricos sobre os padrões de beleza, especialmente para o corpo feminino. Os corpos analisados são corpos brancos pertencentes a burguesia, o que se tornou uma referência mundial. Trazendo para realidade brasileira, poucas mulheres poderiam se encaixar nessa classificação, reforçando a exclusão da mulher negra em ser referenciada como bela e consequentemente ocupar espaços com tais exigências, sendo o balé clássico um deles.

A influência dos países europeus sobre o Brasil com relação a beleza também é falada por Denise Bernuzzi Sant’anna (2014). Havia uma busca incessante por produtos e remédios rejuvenescedores como maquiagens, tinturas de cabelo, acessórios de vestimentas, dentre outros, no intuito de mascarar a aparência amadurecida. Surgiram os concursos de beleza na década de 1920, com pré-requisitos específicos para participação, um deles destacava “A

Raça e racismo

O surgimento da raça é abordado por Achille Mbembe (2014), sobre o pensamento Ocidental que classificou as pessoas negras para que pudesse dominá-las. “Chamemos a isso o momento gregário do pensamento ocidental. Nele, o Negro é representado como protótipo de uma figura pré-humana incapaz de superar a sua animalidade [...]” (MBEMBE, 2019, n.p.). Isso implicou nas relações pessoais e públicas, comprometendo os cuidados legais com a justiça, economia e saúde, marginalizando a população negra de convivências sociais. Seguindo os pensamentos de Mbembe (2014), percebemos a formação da estrutura racista, sendo a população negra classificada como a inferior.

No Brasil, Antônio Sergio Guimarães (2009) fala sobre o tabu na definição de raça e racismo, dificultando maiores avanços relacionados as características que demarcam a raça, como tonalidades de pele, texturas de cabelo, entre outras. Quanto mais evidente o fenótipo negro, maiores serão as ações racistas. Essas definições apresentam certa confusão devido as diferentes interpretações de um mesmo contexto, muitos estudos no Brasil vieram importados, sobretudo dos Estados Unidos, com uma realidade distinta.

O racismo na cultura brasileira é discorrido por Lélia Gonzalez, no qual “veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.”. (GONZALEZ, 2018, p. 191). Daí então, presenciar bailarinas negras em companhias profissionais ao invés dos serviços gerais impacta a percepção da classe dominante.

Sueli Carneiro (2011) fala sobre a invisibilidade da mulher negra no feminismo, por não ser representada pelo movimento de mulheres brancas. “Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, [...] de que mulheres estamos falando?” A autora também questiona sobre a fragilidade, “Quando falamos do mito da fragilidade feminina, [...] de que mulheres estamos falando?”. A fragilidade é uma qualidade almejada pelo balé, que esboça delicadeza e necessidade de proteção.

Perante material acumulado, ficou perceptível a predileção do corpo branco como ideal e quais espaços devem ocupar. Nesse sentido, é compreendido o que ocorreu na trajetória das bailarinas, entendendo suas percepções sobre marcadores sociais, que as impulsionaram na escolha da profissão apesar das desventuras estruturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui são apresentadas as bailarinas e alguns trechos das entrevistas que dialogam com o material teórico resultando em discussões elucidativas.

Bethânia Gomes, natural do Rio de Janeiro – RJ iniciou as aulas de balé na década de 1980 por indicação médica para auxiliar em um tratamento ortopédico. A escola ficava localizada na zona nobre do Rio e frequentada por pessoas brancas da classe média e alta. Bethânia viveu diversas situações racistas nas escolas formativas: *“Bethânia tem um corpo de bailarina russa, mas a bunda africana dela entra no caminho e atrapalha tudo”* lembra Bethânia. Enfim, conseguiu atuar fora do país. Bethânia engravidou e precisou retornar para o Brasil, o que adiantou seu afastamento dos palcos, posteriormente ela voltou para os Estados Unidos e se tornou professora da companhia que atuou por muitos anos.

Ingrid Silva, nasceu no Rio de Janeiro, começou o balé meados da década de 1990 em um projeto social, suas relações foram mais amenas já que dividia espaço com outras crianças negras. Ingrid começou a perceber as distinções de tratamento quando foi se aproximando da profissionalização e percebendo que só as meninas brancas eram selecionadas para as companhias. Dessa forma, precisou deixar o país para conseguir atuar profissionalmente em uma companhia estadunidense. No auge da carreira Ingrid engravidou e teve que enfrentar os desafios pessoais, coletivos e profissionais da maternidade, em se tratando de uma profissão que trabalha diretamente com a imagem do corpo.

Dandara Caetano natural de Praia Grande – SP, onde começou praticar balé em 2001 em um projeto social, era seu momento de lazer. Os maiores desafios de Dandara surgiram na adolescência, com a mudança do corpo, dietas arriscadas, competitividade mais acirrada e situações racistas ameaçadoras. *“sempre tive uma barriguinha, um bumbum, uma perna, no início não me afetava tanto, mas depois passou afetar e eu tive umas complicações na saúde, porque eu não comia, porque eu queria ficar magra.”* Dandara participou de muitas competições durante sua formação, até conseguir ingressar em uma companhia brasileira.

Nayla Ramos nasceu em Campinas – SP, iniciou as práticas de balé aos 10 anos. Por se tratar de uma escola grande e tradicional, ela não percebeu situações que pudesse caracterizar como racismo. A dinâmica da escola era bem pragmática e não abria precedentes para questionamentos. *“eu vivia muito dentro de uma bolha. Não tinha com quem conversar, às vezes nem tempo mesmo, para poder absorver aquela informação e entender que aquilo era racismo.”* Nayla conseguiu atuar no Brasil, mas precisou abrir mão do emprego em São Paulo – SP para ficar próximo do seu filho em outro estado, sua renda satisfazia seu deslocamento constante e nem despesas com uma criança.

O corpo foi o principal alvo quando as bailarinas relataram episódios em que seus corpos foram cobrados indevidamente. Houve cobranças indiretas, como revelou Dandara “*eu tinha que entrar num figurino, mas que talvez eu não entraria porque estava um pouco ‘acima do peso’ ou quererem colocar um figurino em mim que não foi feito para mim.*” Ingrid passou a usar mais roupas para esconder seu glúteo e deixar de ser cobrada “Agora, imagine estar diante de vários colegas, adolescentes, e ser criticada por causa de uma parte do seu corpo. [...] Mulheres brasileiras têm curvas, sim, e esse foi meu primeiro choque corporal na dança por ser uma mulher negra nesse ambiente.” (Silva, 2021). Nayla passou por avaliação médica “*eu sempre me apresentava mais forte do que as outras meninas, mas depois de um tempo fazendo dieta não tivemos resultados, um profissional me orientou que aquele volume não era gordura e sim músculo, principalmente por conta da minha genética.*”

Esses casos aconteceram com maior incidência na adolescência, quando o corpo muda, o balé se intensifica com cobranças técnicas, inicia o processo de encaminhamento para companhias, e elas têm de lidar com tudo isso. Bethânia aponta que para as meninas negras se torna mais desafiador “*ela fica num lugar muito vulnerável, principalmente quando ela começa a dar sinal de que ela pode ser uma grande bailarina, uma coisa que dá um impacto*”.

A maternidade foi outro grande desafio para três dessas mulheres, “*Minha gravidez não foi uma gravidez fácil. Eu tive uns problemas no começo, onde eu tive que ficar deitada descansando por seis semanas, que para mim foi extremamente difícil.*”, revelou Bethânia. Ingrid engravidou durante a pandemia, tornando a gestação limitada, o que a incomodou, inconformada por ficar em casa, até quando as medidas de isolamento foram diminuindo. Nayla pensou em desistir da carreira “*quando eu tive meu filho eu pensei em desistir e falei: olha não tá dando porque é uma rotina muito pesada, acompanhar a maternidade junto com a rotina. E aí eu comecei a ficar bem cansada, eu acabava que não rendia nem em um, nem em outro*”.

A maternidade é um momento desafiador para as mulheres, interseccionado com a raça e o mercado de trabalho é ainda mais complexo, que historicamente ocasiona a recusa ou dificulta a atuação das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo é o principal causador da ausência ou pouca presença de mulheres negras no balé clássico a nível profissional, o qual se manifesta no balé através de cobranças direcionadas aos corpos das mulheres para um emagrecimento não saudável ou exposições de partes específicas do corpo; no que se refere ao gênero, a competitividade é um fator relevante devido ao grande número de mulheres com o mesmo interesse, porém, a mulher branca tem a



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Lusó-Brasileiro Educação em Sexualidade

V Lusó-Brasileiro Educação em Sexualidade

V Lusó-Brasileiro Educação em Sexualidade



predileção devido ao padrão estipulado para a beleza das bailarinas. Essas mulheres precisaram enfrentar situações de racismo para romperem padrões e se inserirem em locais que não lhe eram atribuídos por serem negras. Ainda que tenha havido avanços, há muito o que percorrer para que mulheres negras tenham liberdade de escolha e de pertencimento.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero 2011. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 29/09/2021.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução: Rane Souza. 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo. Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Primavera para as rosas negras. São Paulo – SP: Editora Filhos da África, 2018.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Definindo o racismo. Racismo e antirracismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

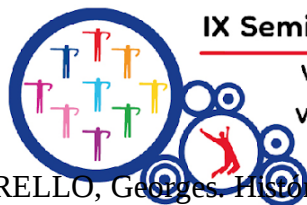
KILOMBA, Grada. Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano/Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAUNAY, Isabelle. O dom do gesto. In: GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia. (Orgs). Leituras do Corpo. São Paulo: Annablume, 2003, p. 89 - 117.

MBEMBE, Achille. A questão da raça. Crítica da razão negra. 1ª Ed. Lisboa: Antígona, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. História da beleza no Brasil. São Paulo–SP: Contexto, 2014.

SILVA, Indrid. A sapatilha que mudou meu mundo. Rio de Janeiro: Globo livros, 2021.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



VIGARELLO, Georges. História da beleza. Tradução Léo Schafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.